

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO  
PAULO**

**A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO JUNTO À  
CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA (TEA), SUA FAMÍLIA E OS PROFISSIONAIS  
DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.**

**DANIELA DE OLIVEIRA ORI**

**SÃO PAULO**

**2026**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO  
PAULO**

**A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO JUNTO À  
CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA (TEA), SUA FAMÍLIA E OS PROFISSIONAIS  
DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.**

**DANIELA DE OLIVEIRA ORI**

Monografia, apresentada ao curso de Pós-graduação em Psicopedagogia (Lato-Sensu), como requisito parcial para obtenção do diploma de **Psicopedagogia**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Terezinha Calil Padis Campos

**SÃO PAULO**

**2026**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação  
Sistema de Bibliotecas e Informação  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

ORI, Daniela de Oliveira.

A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO JUNTO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA), SUA FAMÍLIA E OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE.

Dra. Terezinha Calil Padis Campos

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do Certificado de Especialização em Psicopedagogia, 2026.

*Área de concentração: 1. Transtorno do Espectro Autista; 2. Psicopedagogia; 3. Família; 4. Educação e 5. Saúde; 6. Aprendizagem; 7. Inclusão.*

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Pró-Reitoria de Educação Continuada**

**PUC-SP**

**À SAE - Educação Continuada**

**A/C Setor de Monografia**

**Ref.: Atribuição de Nota e Título de Monografia.**

**Curso: Psicopedagogia**

**Data da banca:**

**Aluno (a): Daniela de Oliveira Ori**

**Nº de Matrícula: RA00275528**

**Prof.® Orientador (a): Terezinha Calil Padis Campos**

**Título:**

**A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO JUNTO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO  
ESPECTRO AUTISTA (TEA), SUA FAMÍLIA E OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO  
E**

**SAÚDE**

**Nota: 10,0 (dez)**

**Data: 25, 02/2026**

**Orientador: Terezinha Calil Padis Campos**

**Mônica 7. V. mendes**

**Arguidor: Mônica Fátima Valenzi Mendes**

**Campus Consolação - Unidade COGEAE- Rua da Consolação, 831 - São  
Paulo/SP - CEP 01301-000**

**Fone: (11) 3124-9600 - <http://www.pucsp.br/cogee>**







## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta Monografia, fruto de perseverança e fé, a Deus.

Foi Ele quem sustentou cada etapa desta caminhada e me concedeu a oportunidade de concluir o Curso de Psicopedagogia.

Com dedicação, empenho e confiança em Seus propósitos, tornei-me Psicopedagoga, fortalecendo em mim o compromisso com a educação, o ensino e a aprendizagem.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ser a fonte de toda força, sabedoria e luz que me sustentou durante esta caminhada. A Ele, que me concedeu serenidade nos momentos de dúvida, coragem diante dos desafios e inspiração para transformar cada obstáculo em aprendizado. Sem a Sua presença e graça, este sonho não seria possível.

Ao meu marido, André, pela paciência, amor e apoio incondicional em todos os momentos. Obrigada por compreender minhas ausências, por me encorajar a seguir e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava.

Às minhas filhas Rebeka, Giovanna e Yanni, razão da minha vida, pelo carinho, paciência e compreensão durante os períodos de dedicação aos estudos. Cada sorriso e gesto de amor de vocês foram o combustível que me impulsionou a prosseguir.

À minha orientadora, Professora Dr.<sup>a</sup> Terezinha Calil Pardis Campos, pela dedicação, sabedoria e incentivo constante. Sua orientação sensível, ética e inspiradora foi essencial para a construção deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

A toda minha família, que esteve presente com palavras de incentivo, fé e amor, fortalecendo-me em cada etapa desta jornada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram com palavras, gestos, ensinamentos e apoio, deixo aqui minha eterna gratidão. Este trabalho é fruto de fé, perseverança e do amor de todos que caminharam comigo.

## **EPÍGRAFE**

“A aprendizagem é o encontro entre o desejo e a descoberta — é permitir-se transformar e transformar o outro pelo amor e pela escuta.”  
(Alicia Fernández)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a atuação do psicopedagogo junto às crianças diagnosticadas, suas famílias e os profissionais da educação e saúde. O objetivo geral é compreender e analisar o papel do psicopedagogo como mediador e facilitador do processo de aprendizagem, buscando integrar aspectos cognitivos, afetivos, sociais e familiares no desenvolvimento global da criança com TEA.

A revisão de literatura evidencia que a atuação psicopedagógica deve considerar as especificidades do autismo, promovendo estratégias que favoreçam a comunicação, a socialização e o desenvolvimento das funções cognitivas e afetivas. Segundo Fernández (1991), a aprendizagem envolve uma dimensão subjetiva que se entrelaça ao desejo e às emoções, o que torna essencial uma escuta sensível e uma intervenção que vá além do cognitivo, abrangendo o sujeito em sua totalidade. Nessa perspectiva, o psicopedagogo atua como mediador entre o sujeito e o conhecimento, favorecendo a construção de significados e a superação das barreiras que dificultam o aprender.

Além disso, destaca-se a importância da parceria entre família e escola, em consonância com os princípios defendidos por Vygotsky (1998), para quem o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais e culturais. O psicopedagogo exerce, assim, um papel orientador e articulador entre os diferentes contextos de aprendizagem, colaborando com professores, terapeutas e familiares na elaboração de práticas integradas. Conclui-se que a atuação psicopedagógica, quando pautada na escuta, na observação e no diálogo interdisciplinar, contribui de forma significativa para a inclusão, a autonomia e o desenvolvimento integral da criança com TEA, fortalecendo também os vínculos familiares e institucionais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Psicopedagogia; Família; Educação e Saúde; Aprendizagem; Inclusão.

## **ABSTRACT**

The present undergraduate thesis addresses Autism Spectrum Disorder (ASD) and the role of the psychopedagogue in working with diagnosed children, their families, and education and health professionals. The general objective is to understand and analyze the role of the psychopedagogue as a mediator and facilitator of the learning process, seeking to integrate cognitive, affective, social, and family aspects in the global development of children with ASD. This is a bibliographic study based on authors such as Mello (2004), Brentani et al. (2013), Vygotsky (1998), Piaget (1978), Gioia (2019), Costa and Sampaio (2020), Bossa (2000), Paín (1985), Visca (1987), and Fernández (1991), who contribute to the theoretical and practical understanding of learning and psychopedagogical intervention.

The literature review highlights that psychopedagogical practice must consider the specific characteristics of autism, promoting strategies that foster communication, socialization, and the development of cognitive and affective functions. According to Fernández (1991), learning involves a subjective dimension intertwined with desire and emotions, making sensitive listening and an intervention that goes beyond cognitive aspects essential, encompassing the individual as a whole. From this perspective, the psychopedagogue acts as a mediator between the subject and knowledge, facilitating the construction of meaning and the overcoming of barriers that hinder learning.

Furthermore, the importance of partnership between family and school is emphasized, in line with the principles defended by Vygotsky (1998), who argues that development occurs through social and cultural interactions. The psychopedagogue therefore plays a guiding and articulating role among different learning contexts, collaborating with teachers, therapists, and family members in the development of integrated practices. It is concluded that psychopedagogical intervention, when grounded in listening, observation, and interdisciplinary dialogue, contributes significantly to inclusion, autonomy, and the integral development of children with ASD, while also strengthening family and institutional bonds.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder; Psychopedagogy; Family; Education and Health; Learning; Inclusion.

## MEMORIAL

Meu nome é Daniela de Oliveira Ori, portadora do RG nº 46.566.828-8 e CPF nº 356.542.418-42, nascida em 16 de junho de 1986, no município de Taboão da Serra, São Paulo. Sou filha de Elizabeth Alves de Oliveira, casada há 24 anos com André Fernandes Ori, técnico do Laboratório de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e mãe de Rebeka de Oliveira Ori, Giovanna de Oliveira Ori e Yanni de Oliveira Ori.

Resido na Rua Augusta Colombo Fortes, nº 185, Jardim Porteira Grande, São Paulo. Possuo currículo Lattes disponível em: <https://lattes.cnpq.br/5042422670399962> e e-mail para contato: [danielaori1986@gmail.com](mailto:danielaori1986@gmail.com).

Sou formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Minha trajetória escolar iniciou-se no Ensino Fundamental I em 1993. Em razão de mudanças familiares entre municípios e estados, estudei em escolas localizadas em Taboão da Serra, Itapeverica da Serra, no Distrito Federal e em Planaltina de Goiás. Para concluir o Ensino Fundamental II, realizei a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em São Paulo, em 2018. No ano de 2019, prestei exame do Governo e concluí o Ensino Médio.

No ano de 2020 iniciei o curso de Pedagogia, no qual adquiri múltiplos conhecimentos, dentre eles a participação no Projeto Temático Orientado em Libras, apresentado sob o título “Aquisição da Língua Brasileira de Sinais por crianças surdas em creches”. Durante a graduação, estudei diferentes abordagens pedagógicas, como a abordagem de Reggio Emilia, além de disciplinas como Fundamentos Biopsicossociais: Educação e Desenvolvimento, Cuidar e Educar, Pedagogia Hospitalar e Residência. Essas unidades temáticas contribuíram significativamente para que eu reconhecesse a necessidade de aprofundar meus estudos voltados à Educação Infantil e às necessidades educacionais específicas.

Durante o estágio na clínica e na minha atuação profissional na escola, tive a oportunidade e o privilégio de trabalhar diretamente com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas experiências foram fundamentais para que eu pudesse aplicar, na prática, os primeiros movimentos investigativos da minha pesquisa, observando as especificidades do desenvolvimento, da aprendizagem e da mediação pedagógica junto às crianças atípicas. A vivência concreta com esses sujeitos ampliou meu olhar sensível e fortaleceu meu compromisso com uma atuação ética, inclusiva e fundamentada teoricamente.

Após o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Pedagogia, com o tema “Educação Infantil: contribuições do processo de escuta para crianças com TEA”, percebi a necessidade de aprofundar meus estudos na área da inclusão e da aprendizagem. Assim, optei pela pós-graduação em Psicopedagogia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), realizando a presente monografia com o tema “A Atuação do Psicopedagogo junto à Criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sua Família e os Profissionais da Educação e Saúde”, buscando ampliar meu embasamento teórico e fortalecer minha prática profissional no atendimento às crianças atípicas, tanto no contexto escolar quanto no cotidiano religioso.

Realizei também cursos on-line, como o curso da professora Ediana Richeli, intitulado “Professora Nota 10 com o Ensino Lúdico”, e participei da Semana da Terapia ABA (Applied Behavior Analysis) no Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o professor William Gomes, ampliando minha formação continuada.

Concluo este memorial reafirmando meu compromisso com a formação permanente e com o aprofundamento das pesquisas na área da Educação Infantil e da Psicopedagogia, almejando futuramente realizar o Mestrado em Formação de Formadores na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), dando continuidade à minha trajetória acadêmica e profissional.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), classificado como um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social, a interação e o comportamento, tem se tornado objeto de crescente atenção científica, social e educacional nas últimas décadas. De acordo com dados do National Center for Health Statistics e Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2013), a prevalência do TEA é estimada em um caso a cada 54 crianças, o que evidencia a necessidade de estratégias efetivas de diagnóstico, intervenção e inclusão escolar e social.

Diante desse cenário, a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças com TEA apresentam desafios singulares que exigem uma abordagem sensível, interdisciplinar e pautada na escuta e observação atenta das suas necessidades. Nesse contexto, a psicopedagogia assume um papel fundamental como área de conhecimento e prática voltada à compreensão dos processos de aprendizagem e às dificuldades que os permeiam. O psicopedagogo atua como mediador entre o sujeito, a família e a escola, promovendo estratégias que favorecem o desenvolvimento global e a inclusão social da criança autista.

Assim, emerge a seguinte questão norteadora: De que forma a atuação do psicopedagogo pode contribuir para o desenvolvimento e a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista, bem como para o acolhimento de suas famílias e a orientação dos profissionais da educação e da saúde?

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a atuação do psicopedagogo junto às crianças com TEA, suas famílias e os profissionais envolvidos em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Como objetivos específicos, propõe-se:

- a) caracterizar o Transtorno do Espectro Autista com base em sua origem, histórico e critérios diagnósticos;
- b) discutir o impacto das alterações cognitivas, sensoriais e motoras no processo de aprendizagem; e

c) analisar a prática psicopedagógica e suas contribuições na mediação entre o sujeito, a família e os profissionais da educação e saúde.

A justificativa para esta pesquisa se fundamenta na crescente necessidade de profissionais capacitados para atuar de forma integrada no contexto educacional e clínico, considerando as especificidades do autismo. Compreender o papel do psicopedagogo nesse cenário é essencial para fortalecer práticas inclusivas e humanizadas, que valorizem o potencial da criança e promovam o diálogo entre escola, família e equipe multiprofissional.

A fundamentação teórica desta pesquisa se apoia em autores como Mello (2004), Brentani et al. (2013), Vygotsky (1998), Piaget (1978), Bossa (2000), Paín (1985), Visca (1987) e Fernández (1991), que oferecem contribuições essenciais sobre desenvolvimento, aprendizagem e intervenção psicopedagógica. A metodologia adotada é de natureza exploratória e bibliográfica, com base em livros, artigos científicos e documentos oficiais que abordam a temática do TEA e da atuação psicopedagógica.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. O Capítulo 1 apresenta a caracterização do Transtorno do Espectro Autista, abordando seus aspectos conceituais, diagnósticos, históricos e as manifestações cognitivas, sensoriais e motoras. O Capítulo 2 discute a atuação do psicopedagogo junto às crianças com TEA, suas famílias e os profissionais da educação e saúde, analisando estratégias e práticas que favorecem o processo de inclusão e aprendizagem. Por fim, a conclusão retoma os principais achados da pesquisa, reafirmando a importância do olhar psicopedagógico como instrumento de transformação, acolhimento e promoção do desenvolvimento humano integral.

## **CAPÍTULO 1**

### **1. CARACTERIZAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Este capítulo tem por objetivo principal caracterizar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como compreender as suas manifestações comportamentais, cognitivas e sensoriais, relacionando-as à importância da intervenção psicopedagógica.

A palavra autismo tem origem grega, combinando os termos autos, que significa “por si mesmo” ou “próprio”, e ismo, que remete a “estado de orientação”. Trata-se de um termo utilizado na Psiquiatria para designar comportamentos humanos centrados em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo (BRENTANI et al., 2013).

Segundo Mello (2004), em seu livro *Autismo: Guia Prático*, o autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano, uma síndrome definida por alterações presentes desde a infância na qualidade da comunicação, da interação social e do uso da imaginação. Esses três desvios foram nomeados em 1979 por Lorna Wing e Judith Gould como a “Tríade do Autismo”. Essa tríade é responsável por padrões de comportamento restritos e repetitivos, podendo variar desde quadros com deficiência intelectual até níveis de inteligência acima da média.

A autora Mello (2004) observa que as manifestações mais comuns do TEA são descritas pelos pais, como crianças que aparentam ser excessivamente calmas, evitam o colo, mantêm pouco contato ocular ou apresentam movimentos repetitivos com as mãos e o corpo. O TEA é compreendido como um continuum que abrange desde níveis leves até severos. A Associação de Amigos do Autista (AMA, 2004) define o TEA como um distúrbio do comportamento caracterizado por essa tríade, embora não haja uma definição universal e definitiva.

O primeiro pesquisador a descrever o autismo foi o médico austríaco Leo Kanner, em seu artigo *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo* (1938), relatando onze casos clínicos, entre eles o de Donald T. Suas observações levaram-no a concluir que o autismo possuía causas biológicas, denominando-o de “autismo clássico”. Poucos anos depois, Hans Asperger (1944) publicou *Psicopatologia*

Autística da Infância, descrevendo crianças com dificuldades de comunicação e interação social, mas com elevada capacidade cognitiva e imaginação detalhada — o que ficou conhecido posteriormente como “Síndrome de Asperger”.

De acordo com o DSM-IV (2002), o Transtorno Autista envolvia comprometimentos significativos na interação social e na comunicação, além de um repertório restrito de atividades e interesses. Com o DSM-5 (2013), a classificação foi unificada sob o termo Transtorno do Espectro Autista, definido como um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e por padrões de comportamento restritos e repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Brentani et al. (2013) destacam que entre 60% e 70% dos indivíduos com TEA apresentam algum nível de deficiência intelectual, enquanto apenas 10% demonstram habilidades cognitivas acima da média. Esses dados reforçam a necessidade de compreensão das potencialidades individuais, superando visões estigmatizadas.

## **2. Níveis de Suporte no Transtorno do Espectro Autista**

O DSM-5 introduziu uma nova categorização dos níveis de suporte, reconhecendo a heterogeneidade do espectro e as necessidades específicas de cada indivíduo:

- Nível 1 – Requer suporte: o indivíduo apresenta dificuldades perceptíveis na comunicação e inflexibilidade comportamental.
- Nível 2 – Requer suporte substancial: há déficits acentuados na comunicação verbal e não verbal, com interações sociais limitadas.
- Nível 3 – Requer suporte muito substancial: caracterizado por severos déficits comunicativos e comportamentos repetitivos intensos que comprometem todas as áreas da vida.

### **3. Comorbidades e Aspectos Associados**

O TEA frequentemente coexiste com outras condições, como TDAH, TOC, transtornos de ansiedade, depressão e epilepsia, exigindo acompanhamento multidisciplinar. O comprometimento sensorial e motor é recorrente: há dificuldade em integrar estímulos do ambiente, o que pode resultar em movimentos estereotipados ou em alterações posturais e de equilíbrio (COSTA; SAMPAIO, 2020).

A integração sensorial, conceito importante para compreender esses comportamentos, envolve a forma como o cérebro organiza as informações dos sentidos para produzir respostas adequadas. Quando há disfunções nesse processo, o indivíduo pode apresentar reações exacerbadas a sons, luzes, texturas e sabores.

É nesse ponto que surgem preferências alimentares específicas, amplamente observadas em pessoas com TEA. Um exemplo recorrente é a preferência pela fruta banana, frequentemente citada por familiares e educadores. Do ponto de vista neurobiológico e sensorial, a banana é uma fruta macia, doce, previsível em textura e cor, características que transmitem segurança sensorial ao cérebro autista, que busca estabilidade e rejeita estímulos imprevisíveis (GIOIA, 2019; COSTA; SAMPAIO, 2020).

Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano é mediado pelas interações sociais e culturais; portanto, o gosto por determinados alimentos também pode se constituir como um símbolo afetivo, vinculado a rotinas e à necessidade de controle sobre o ambiente. Alícia Fernández (1991) acrescenta que o aprender — e, por extensão, o viver — envolve o corpo, o desejo e o afeto, e que comportamentos aparentemente simples, como o interesse por uma fruta, podem representar formas de expressão e de organização interna do sujeito. Assim, compreender essas preferências não apenas favorece a aceitação da singularidade da criança, mas também auxilia o psicopedagogo na criação de estratégias de vínculo e mediação.

#### **4. Importância do Diagnóstico Precoce e da Intervenção Multidisciplinar**

De acordo com Gioia (2019), o diagnóstico precoce é fundamental, pois possibilita intervenções adequadas e melhora o prognóstico. Para ela, o papel do psicopedagogo é auxiliar no reconhecimento de sinais de alerta e na elaboração de planos de estimulação que considerem as dimensões cognitivas, afetivas e sensoriais da criança.

Costa e Sampaio (2020) reforçam que o trabalho psicopedagógico deve priorizar o desenvolvimento do tônus, da coordenação e da percepção corporal, integrando aspectos motores e cognitivos. Tais ações não são apenas terapêuticas, mas educacionais, pois ampliam a capacidade de atenção, interação e simbolização.

#### **A Legislação Brasileira e os Direitos da Pessoa com TEA**

No Brasil, a garantia de direitos da pessoa com TEA é consolidada por um conjunto de leis que asseguram inclusão e proteção. A Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012) instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, reconhecendo o autismo como deficiência e garantindo diagnóstico precoce, atendimento especializado e inclusão educacional. O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) reforça esses direitos, e a Lei Romeo Mion (Lei nº 13.977/2020) criou a Carteira de Identificação da Pessoa com TEA (Ciptea), assegurando prioridade em atendimentos. Mais recentemente, a Lei nº 14.624/2023 instituiu o uso do cordão de girassol para identificar pessoas com deficiências invisíveis, promovendo maior visibilidade e respeito social.

Esses dispositivos legais expressam a necessidade de um olhar inclusivo e interdisciplinar sobre o TEA, sustentando o trabalho conjunto entre educação, saúde e família — eixo central da prática psicopedagógica.

#### **Orientações para a Prática Profissional**

Costa e Sampaio (2020) propõem diretrizes fundamentais para os profissionais que trabalham com crianças com TEA, destacando a importância de:

- Desenvolver tônus, equilíbrio e coordenação;
- Compreender o sequenciamento motor e espacial;
- Estimular habilidades sociais e cognitivas por meio de jogos e interações;
- Repetir atividades e organizar rotinas estruturadas;
- Promover autodescoberta e autonomia;
- Modelar o pensamento por meio de perguntas mediadoras;
- Estimular o uso simbólico dos objetos e o reconhecimento do corpo.

Essas práticas dialogam diretamente com a concepção de Vygotsky (1998) sobre a zona de desenvolvimento proximal, segundo a qual o aprendizado ocorre por meio da mediação de um outro mais experiente — papel essencial desempenhado pelo psicopedagogo. Para Sara Paín (1985), o aprender está intimamente ligado à afetividade, e o fracasso escolar muitas vezes reflete bloqueios emocionais, o que reforça a importância do olhar psicopedagógico na escuta e compreensão do sujeito.

Dessa forma, compreender o Transtorno do Espectro Autista em sua complexidade é o ponto de partida para uma atuação ética, empática e fundamentada, que envolva a escola, a família e os profissionais da saúde em uma rede de apoio.

## **CAPÍTULO 2**

### **O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO JUNTO À CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA), SUA FAMÍLIA E OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE**

Conforme abordado no capítulo anterior, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifesta-se por meio de desafios significativos na comunicação, na interação social e em padrões comportamentais que impactam diretamente o desenvolvimento e a aprendizagem. Nesse contexto, a atuação do psicopedagogo se torna essencial, pois este profissional é o mediador que integra as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e familiares do processo de aprender.

A psicopedagogia, segundo Bossa (2000), é uma área interdisciplinar que busca compreender o sujeito em sua totalidade, analisando como fatores internos (afetivos, neurológicos e cognitivos) e externos (familiares, sociais e escolares) interferem na aprendizagem. Essa compreensão é ainda mais necessária quando se trata de crianças com TEA, pois suas particularidades exigem intervenções intencionais e adaptadas às suas necessidades singulares.

O psicopedagogo atua como facilitador do processo de aprendizagem, promovendo um ambiente que respeite o ritmo, as experiências e a subjetividade da criança autista. Para Fernández (1991), aprender é um ato afetivo e simbólico, e o psicopedagogo deve investigar o que impede ou dificulta esse ato, ajudando o sujeito a reconstruir seu vínculo com o conhecimento. Em crianças com TEA, essa reconstrução passa pela escuta sensível, pela mediação empática e pela criação de estratégias que tornem o aprendizado prazeroso e significativo.

## **A Intervenção Psicopedagógica com Crianças com TEA**

De acordo com Paín (1985) e Visca (1987), o psicopedagogo não apenas diagnostica as dificuldades de aprendizagem, mas atua como agente transformador, auxiliando o sujeito a elaborar novas formas de pensar, sentir e agir diante das situações de aprendizagem. Essa perspectiva implica compreender a criança autista como um sujeito de possibilidades, e não como alguém limitado pelo diagnóstico.

O papel do psicopedagogo é, portanto, individualizado, baseado na observação e na escuta ativa, e sustentado por uma avaliação abrangente das habilidades, desafios e potencialidades da criança (BOSSA, 2000). O profissional desenvolve ações intencionais com foco em quatro dimensões fundamentais: identificação, intervenção, mediação e orientação.

### **1. Identificar e intervir nas dificuldades de aprendizagem**

O psicopedagogo realiza uma leitura global do processo de aprendizagem, observando como a criança organiza o pensamento, interage, simboliza e constrói significados. Em crianças com TEA, essa leitura deve considerar aspectos sensoriais, linguísticos e motores (COSTA; SAMPAIO, 2020).

As intervenções podem incluir atividades que estimulem a coordenação, a atenção, a memória e a comunicação, sempre mediadas pelo vínculo afetivo.

### **2. Adaptar metodologias de ensino**

Em colaboração com a escola e a família, o psicopedagogo contribui na adaptação curricular, oferecendo orientações sobre metodologias adequadas. Pode propor o uso de recursos visuais, agendas estruturadas, materiais concretos e rotinas previsíveis, de modo a reduzir a ansiedade e aumentar a compreensão. O programa TEACCH (2005) é uma das metodologias mais utilizadas nesse contexto, pois organiza o ambiente de aprendizagem com base na estrutura, rotina e previsibilidade, facilitando a assimilação de conteúdos.

### **3. Desenvolver habilidades sociais e comunicativas**

Crianças com TEA apresentam dificuldades na “teoria da mente” — a capacidade de compreender sentimentos e pensamentos de outras pessoas. Para intervir nessa dimensão, o psicopedagogo pode utilizar histórias sociais (GRAY, 2000) e jogos simbólicos, que ajudam a criança a compreender e antecipar situações sociais.

Além disso, pode empregar o PECS (FROST; BONDY, 2002) — sistema de comunicação por troca de figuras —, favorecendo o desenvolvimento da linguagem e da autonomia comunicativa.

### **4. Promover a autonomia e a autorregulação**

O psicopedagogo também atua na formação da autonomia, estimulando a criança a realizar atividades cotidianas (guardar materiais, escolher brinquedos, seguir rotinas). Essa prática está alinhada à concepção de Piaget (1978), que destaca a importância da ação e da experimentação para a construção do conhecimento. Ao interagir com o meio, a criança organiza esquemas mentais e amplia suas competências cognitivas e sociais.

### **5. Orientar a família: pais e irmãos**

O trabalho psicopedagógico ultrapassa o espaço clínico ou escolar — ele se estende à família, que é o primeiro e mais importante núcleo de aprendizagem. O psicopedagogo, ao orientar pais e irmãos, ajuda-os a compreender o funcionamento da criança, reduzindo culpas e medos.

Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano ocorre na relação com o outro; portanto, o apoio emocional e o envolvimento familiar são decisivos.

O psicopedagogo pode contribuir de diversas formas:

- Acolher emocionalmente os pais, explicando as fases do desenvolvimento e as manifestações do TEA, oferecendo um espaço de escuta e reflexão.

- Ensinar estratégias de comunicação afetiva, como o uso de gestos, imagens e reforços positivos para fortalecer o vínculo com a criança.
- Orientar os irmãos, ajudando-os a compreender e respeitar as diferenças, promovendo empatia e cooperação no convívio doméstico.
- Oferecer encontros familiares psicopedagógicos, que possibilitem o compartilhamento de experiências, desafios e conquistas, fortalecendo a rede de apoio afetivo.

Como destaca Fernández (1991), a família é o primeiro espaço de mediação simbólica do sujeito, e o psicopedagogo, ao intervir nesse contexto, auxilia na reconstrução do “prazer de aprender” em toda a dinâmica familiar.

## **6. Articulação com os profissionais da educação e saúde**

O psicopedagogo também exerce papel articulador entre as áreas de educação e saúde, colaborando com professores, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicólogos e neurologistas. Essa colaboração é essencial, pois o TEA é um transtorno que demanda uma abordagem multidisciplinar e integrada.

Com os profissionais da educação, o psicopedagogo pode:

- Orientar sobre adaptações curriculares e estratégias pedagógicas inclusivas;
- Participar de reuniões de equipe escolar para analisar os avanços e desafios da criança;

- Oferecer formações e oficinas sobre práticas inclusivas e comportamentos autistas.

Com os profissionais da saúde, o psicopedagogo contribui na troca de informações e observações sobre o desenvolvimento cognitivo e emocional, fortalecendo o plano de intervenção terapêutica.

Essa atuação interdisciplinar está em consonância com a Política Nacional de Educação Especial e com a Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), que estabelece o direito à inclusão e ao atendimento integrado da pessoa com TEA.

### **Abordagens e Estratégias Psicopedagógicas**

O psicopedagogo utiliza uma variedade de recursos, sempre considerando o perfil e os interesses da criança:

- Suportes Visuais: uso de quadros de rotina, imagens e pictogramas, facilitando a compreensão temporal e a antecipação de atividades.
- Aprendizagem Baseada em Interesses: aproveitar temas de interesse (como dinossauros, números ou cores) para ensinar conteúdos de forma lúdica e significativa.
- Jogos Estruturados: jogos de regras simples ajudam a desenvolver autocontrole, atenção e convivência social.
- Histórias Sociais: narrativas visuais que ensinam comportamentos esperados em situações específicas, reduzindo a ansiedade diante do imprevisível.

- Brincadeiras Sensoriais: experiências com texturas, sons e movimentos auxiliam na regulação sensorial e na expressão emocional.

Essas práticas são sustentadas pelos princípios de Vygotsky (1998), que defende o papel do mediador no processo de aprendizagem, e por Bossa (2000), que vê o psicopedagogo como um “investigador do aprender”, alguém que observa, escuta e transforma as experiências em possibilidades de desenvolvimento.

### **A Contribuição da Psicopedagogia para a Inclusão e a Qualidade de Vida**

O trabalho psicopedagógico, quando articulado à escola, à família e aos profissionais da saúde, contribui significativamente para a inclusão e o bem-estar da criança com TEA. Ele oferece caminhos para que o sujeito se reconheça como capaz, reconstruindo sua relação com o aprender.

Para Mello (2004), compreender o autismo exige um olhar que vá além do sintoma e alcance o sujeito que sente e pensa; nesse sentido, a psicopedagogia atua não apenas na cognição, mas também na subjetividade.

O psicopedagogo, ao favorecer o autoconhecimento, a socialização e a autonomia, possibilita que a criança encontre seu próprio modo de aprender e de estar no mundo. Essa atuação transformadora se estende à família e às instituições, promovendo diálogo, empatia e integração entre todos os envolvidos.

Em síntese, o psicopedagogo é um agente de mediação, transformação e inclusão, que atua de forma sensível, ética e interdisciplinar, contribuindo para que a criança com TEA desenvolva suas potencialidades cognitivas, emocionais e sociais. Seu trabalho é um elo entre o afeto, o conhecimento e o acolhimento, pilares que sustentam o desenvolvimento humano e o direito de aprender.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo analisar a atuação do psicopedagogo junto às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), suas famílias e os profissionais da educação e saúde, destacando o papel mediador, integrador e transformador desse profissional. A partir da revisão bibliográfica e das reflexões fundamentadas na prática psicopedagógica, constatou-se que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a socialização e o comportamento, exigindo uma atuação interdisciplinar, ética e humanizada.

No primeiro capítulo, foi apresentada a caracterização do Transtorno do Espectro Autista, abordando seus aspectos históricos, diagnósticos, níveis de suporte e comorbidades associadas. Evidenciou-se que as manifestações do espectro são heterogêneas, reforçando a necessidade de intervenções precoces, individualizadas e sensíveis às singularidades de cada sujeito. A análise de autores como Mello (2004), Brentani et al. (2013) e Gioia (2019) demonstrou que compreender o autismo exige não apenas domínio técnico, mas também escuta atenta e respeito às especificidades do desenvolvimento infantil. Destacou-se, ainda, a importância das legislações brasileiras, como a Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012) e a Lei Romeo Mion (Lei nº 13.977/2020), que asseguram direitos e fortalecem o compromisso com a inclusão educacional e social.

No segundo capítulo, aprofundou-se a discussão sobre a atuação psicopedagógica, compreendendo o psicopedagogo como facilitador da aprendizagem, mediador das relações e articulador entre escola, família e profissionais da saúde. Fundamentado em autores como Bossa (2000), Fernández (1991), Paín (1985), Visca (1987), Vygotsky (1998) e Piaget (1978), o estudo reafirmou que o processo de aprender envolve dimensões cognitivas, afetivas e sociais indissociáveis. A intervenção psicopedagógica, portanto, deve ser personalizada, lúdica, estruturada e sensível, utilizando recursos visuais,

jogos, histórias sociais e estratégias baseadas nos interesses da criança, promovendo a aprendizagem significativa e a autonomia.

Observou-se que o psicopedagogo desempenha papel fundamental também na orientação familiar, oferecendo suporte emocional e estratégias que favoreçam a comunicação, o vínculo e a compreensão das especificidades do sujeito com TEA. No contexto escolar, sua atuação contribui para práticas pedagógicas inclusivas, elaboração de planos individualizados e sensibilização da equipe docente. Já no âmbito da saúde, estabelece diálogo interdisciplinar, fortalecendo a construção de intervenções integradas que favorecem o desenvolvimento global da criança.

As reflexões oriundas da prática psicopedagógica evidenciam que o aprender não se limita ao domínio de conteúdos formais, mas envolve desejo, história subjetiva, vínculo e emoção. Conforme aponta Fernández (1991), aprender é um ato profundamente ligado à constituição do sujeito, e o papel do psicopedagogo é investigar não apenas as dificuldades aparentes, mas as relações estabelecidas com o conhecimento. Assim, dificuldades na alfabetização, na autorregulação emocional ou na organização do pensamento devem ser compreendidas como expressões singulares do modo de ser e aprender de cada criança.

Constatou-se também que intervenções que articulam estrutura e acolhimento, como rotinas organizadas, jogos de regras progressivas, estratégias de consciência fonológica, leitura mediada e atividades visomotoras, favorecem a segurança emocional e a flexibilidade cognitiva, permitindo que a criança se arrisque intelectualmente em um ambiente de apoio e validação. O espaço psicopedagógico configura-se, portanto, como um lugar de escuta, mediação e ressignificação do aprender, no qual o erro é compreendido como parte do processo de construção do conhecimento.

Conclui-se que a atuação do psicopedagogo junto às crianças com TEA é essencial para promover a aprendizagem significativa, a autonomia, o fortalecimento dos vínculos e o desenvolvimento integral. Ao articular ciência,

afeto e inclusão, a psicopedagogia consolida-se como um campo indispensável na construção de práticas educativas mais humanas, acessíveis e transformadoras. Dessa forma, reafirma-se a importância de uma atuação comprometida com a dignidade, o respeito às diferenças e o reconhecimento das potencialidades de cada sujeito, contribuindo não apenas para o progresso individual da criança, mas também para a transformação das relações familiares, educacionais e sociais.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=QL4rDAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 23/05/2025.

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA – AMA. Autismo: Manual de Orientação. São Paulo: AMA, 2004.

BOSSA, Nadia A. A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRENTANI, Helena et al. Autismo: Aspectos clínicos, biológicos e tratamento. São Paulo: Manole, 2013.

COSTA, Fabiana; SAMPAIO, Sandra. Transtorno do Espectro Autista: Intervenções e práticas educativas inclusivas. São Paulo: Wak Editora, 2020.

FERNÁNDEZ, Alicia. A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FROST, Lori; BONDY, Andrew. The Picture Exchange Communication System (PECS): Training Manual. Newark: Pyramid Educational Products, 2002.

GIOIA, Paula. Transtorno do Espectro Autista: Diagnóstico, intervenção e inclusão. Curitiba: Appris, 2019.

GRAY, Carol. Social Stories and Comic Strip Conversations. Future Horizons: Texas, 2000.

MELLO, Ana Beatriz. Autismo: Guia Prático. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PAÍN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PIAGET, Jean. A Construção do Real na Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TEACCH – Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children. Structured Teaching Manual. Chapel Hill: University of North Carolina, 2005.

VIGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VISCA, Jorge. Psicopedagogia: Teoria e Prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987